

CATEGORIAS CULTURAIS DE IDENTIDADE EM ORLANDO: UMA BIOGRAFIA, DE VIRGINIA WOOLF

CULTURAL CATEGORIES OF IDENTITY IN ORLANDO: A BIOGRAPHY, BY VIRGINIA WOOLF

Aline de Mello Sanfelici (UFSC)

Resumo: Este estudo discute categorias culturais de identidade no retrato de Orlando, no romance *Orlando: Uma Biografia*, de Virginia Woolf. A análise do personagem em relação às intersecções entre nação, classe e gênero mostra que existe um conflito na obra, uma vez que a mesma apresenta um texto tanto transgressivo quanto normatizante, fato esse que deve ser problematizado em função de suas implicações nos estudos culturais envolvendo identidade e políticas emancipatórias.

Palavras-chave: Virginia Woolf; *Orlando: Uma Biografia*; categorias culturais de identidade

Abstract: This study discusses cultural categories of identity in the portrayal of Orlando in Virginia Woolf's novel, *Orlando: A Biography*. The analysis of the character in light of the intersections between nation, class, and gender, shows that there is a conflict in the novel as it presents both a transgressive and a normalizing text, a fact which must be criticized for its implications in cultural studies regarding identity and emancipatory politics.

Keywords: Virginia Woolf; *Orlando: A Biography*; cultural categories of identity

Introdução

Esse estudo investiga a caracterização de Orlando, no romance *Orlando: Uma Biografia*, de Virginia Woolf, no que diz respeito aos construtos culturais de sua identidade dentro de uma perspectiva interseccional. A análise é conduzida através da discussão de fatos narrados na obra em conexão com as intersecções entre nação, classe e gênero na caracterização do referido personagem.

Início a discussão apresentando o conceito de interseccionalidade que permeia o estudo. Kimberlé Crenshaw argumenta que interseccionalidade aponta para as relações entre as diferentes camadas de identidade do sujeito, e que nesse processo de interação frequentemente ocorrem formas de opressão de uma camada sobre a outra, através de algum tipo de discriminação ou restrição. Crenshaw clama que certas políticas identitárias costumam apagar diferenças existentes entre essas camadas, ignorando, conseqüentemente, o fato que opressões não são causadas apenas em uma dimensão. Em outras palavras, dependendo do contexto, pode-se dizer que *qualquer* aspecto da identidade pode sofrer redução ou opressão em detrimento de algum outro ou outros aspectos. Assim, interseccionalidade sinaliza como fatores relacionados, uma vez combinados, podem constituir níveis *múltiplos* de discriminação. Dessa forma, uma leitura de interseccionalidade é importante se usada exatamente para desmistificar tais discursos discriminatórios.

Além do mais, essa noção de interseccionalidade demonstra como sujeitos são constituídos por vários, e às vezes conflitantes, posicionamentos, e por esse motivo categorias pré-estabelecidas devem ser sempre questionadas. Conforme argumenta Judith Butler, uma categoria como “mulher” não pode simplesmente ser previamente concebida e preenchida com outros elementos, tais como raça ou sexualidade, sem se considerar as especificidades de cada sujeito em sua caminhada particular de experiências. Assim, tal perspectiva de interseccionalidade permite uma análise de como a caracterização de Orlando é constituída exatamente através da interrupção de categorias identitárias. No que segue, eu foco nas categorias de nação, classe e gênero.

Intersecções de Orlando

No presente estudo, o termo “nação” refere-se a um grupo de pessoas nascidas ou que vivam em uma área específica, tendo uma certa unidade política e econômica, bem como uma história e cultura compartilhadas (Sollors 1990: 290). O termo também é entendido aqui como um construto histórico, e não como uma essência, algo inato e inalterável (Liu 1994: 37), o que implica que nações, sendo arbitrariamente instituídas e de certa forma inventadas, podem intervir em suas próprias trajetórias históricas. Assim, segundo Liu, nações são também culturalmente construídas, através de binarismos como Oriente / Ocidente e Primeiro Mundo / Terceiro Mundo. Finalmente, nação também é entendida como uma comunidade local, relacionada com domicílio e família, através de uma certa condição de pertencer ao lugar (Brennan 1990: 45). Classe, em linhas gerais, refere-se a uma certa condição econômica em termos de grupos sociais estabelecidos por essa via. Gênero, por sua vez, será primeiramente simplificado e visto como equivalente a sexo e, posteriormente, será problematizado e diferenciado de sexo, de acordo com pressupostos de Butler. Enquanto sexo refere-se a genitália (que caracteriza o sujeito como homem ou mulher), o gênero não necessariamente corresponde ao sexo, sendo na verdade uma construção e um processo. Gênero, para Butler, é uma constante elaboração de cada sujeito, a partir de suas escolhas, seus desejos, experiências e interesses. Tal distinção se fará explícita no momento oportuno da análise.

No romance de Woolf, a comunidade que Orlando se diz orgulhoso de pertencer, em um primeiro momento, é uma nação de grandes *homens* responsáveis por feitos heróicos. Como Orlando pensa apenas em homens, e não em mulheres, nota-se a masculinização desta nação. De fato, até o século 18 os cavalheiros resolviam suas questões na base da espada (Eyre 1971: 111) enquanto que as mulheres eram restritas ao ambiente doméstico (Eyre 1971: 141). Considerando-se que os papéis atribuídos às mulheres requeriam obediência e passividade, com oportunidades restritas para as mesmas contribuírem para suas nações, e considerando-se que Orlando realmente cita nomes como Sir Boris, Sir Gawain, Sir Miles, Sir Andrew, Sir Richard, Sir Jordan e Sir Herbert (Woolf 1993: 57), todos homens, nota-se o quanto a nação de Orlando é masculinizada.

O sentimento de orgulho de pertencer a essa nação leva Orlando a querer contribuir para seu povo, também. Porém, Orlando gostaria de fazer isso através da literatura, e não da espada. Em sendo um homem na sociedade elisabetana do século

17, Orlando *pode* utilizar-se da literatura, e esse fato marca novamente a masculinização da nação, pois tanto o livre acesso quanto a produção de literatura, nessa época, eram restritos aos homens, apenas. Em debates sobre gênero e imperialismo na literatura, argumenta-se que a caneta para escrever é frequentemente entendida como uma espada para a batalha – sendo que na sociedade elisabetana retratada no romance, ambas, caneta e espada, são negadas às mulheres. Assim, subentende-se que o escritor seja sempre um homem. Por esse motivo, Orlando pode escolher como contribuir para sua nação – via espada ou via literatura, pois em sendo homem as duas opções lhe são permitidas.

Neste aspecto, aponto uma intersecção entre nação e gênero na construção do personagem. A nação engendrada como masculina é interseccional exatamente por discriminar e excluir todas as pessoas que, não sendo biologicamente masculinas, não podem participar desta nação da mesma forma como os homens. Ou seja, em uma perspectiva interseccional, nota-se que o gênero “mulher” é oprimido no que diz respeito à “nação” (a nação especificada neste momento da narrativa). Em outras palavras, uma categoria de identidade (gênero) é afetada e limitada por preconceitos *culturais* (os papéis culturais atribuídos às mulheres na época) em outra categoria (nação).

Na sequência, Orlando é caracterizado como devoto à sua nação, prestando um importante papel “na vida pública de seu país” (minha tradução de Woolf 1993: 84), uma vez que o personagem é “Inglês de raiz e de fibra” (minha tradução de Woolf 1993: 85). A escolha de palavras da narrativa sugere, novamente, uma nação masculinizada, pois a expressão “*root and fibre*” traduzida para “de raiz e de fibra” refere-se a um atributo estereotipado de homens, culturalmente concebidos como fortes e bravos e dessa forma capazes de defender os interesses da nação na vida pública. Tal estereótipo atribuído a homens encontrado no romance de Woolf pode ser ligado ao argumento que masculinidade e femininidade, as formas como homens e mulheres deveriam comportar-se e caracterizar-se, são construtos ideológicos que não contém nenhuma relação essencial aos reais e variáveis atributos dos sujeitos (Sinfield 1994: 26). Esse argumento, em contraste com o estereótipo presente no romance, mostra como a narrativa tenta reforçar categorias culturais e ideológicas de gênero (que limitam as possibilidades e legibilidades de certos sujeitos), através da masculinização da nação. Em resumo, portanto, a caracterização de Orlando nesse momento é interseccional por relacionar nação e gênero em uma forma que causa limitações para uma categoria em função de outra, ou seja, o fato de ser mulher é limitado em questões de nação por motivos relacionados unicamente ao gênero em si.

Com o desenvolvimento da obra fictícia de Woolf, o personagem Orlando transforma-se em uma mulher, em termos de anatomia. Nesta situação, Orlando passa a viver na companhia de ciganos. Sendo nação um termo que implica a condição de pertencer, conforme exposto antes, Orlando agora parece pertencer à nação dos ciganos. No processo de tentar pertencer a essa nação Orlando só será aceita pela comunidade se endosar a certa unidade que forma a nação cigana, tomando uma atitude contra sua condição social, ou seja, contra sua classe e presença na nobreza da corte da Inglaterra. No entanto, nota-se que Orlando participa da comunidade cigana agindo como turista, apenas, pois o personagem parece agir consciente de que pode

retornar para a nobreza em caso de qualquer dificuldade. Como o personagem resiste abandonar sua posição privilegiada de poder ir e vir entre classes e nações diferentes, os ciganos rejeitam Orlando. Assim, a participação de Orlando nessa nação é traída por seus privilégios e valores de classe: em função da intersecção entre nação e classe percebida, Orlando apenas visita, mas não chega a pertencer à nação cigana.

Vale lembrar, porém, que antes de ser rejeitado, Orlando, neste momento transformado em mulher, tenta participar da nação cigana em atividades da lida com os animais, por exemplo. Este fato é relevante ao mostrar que na nação cigana, como na nação inglesa retratada anteriormente, existem papéis específicos para homens e mulheres; a diferença crucial, no entanto, está no fato que na nação cigana os papéis das mulheres são ativos e fundamentais como os dos homens (enquanto que na Inglaterra as mulheres eram limitadas a papéis entendidos como passivos e menos importantes, como, por exemplo, receber corte). Assim, Orlando e as ciganas contribuem para essa nação com tarefas relevantes para o funcionamento da comunidade. Neste sentido observa-se uma intersecção entre nação e gênero que não parece abrir espaço para formas de discriminação, e sim de inclusão.

No começo da obra, antes de transformar-se em mulher, Orlando é descrito como um homem em termos anatômicos de genitália, mas tal descrição é ambígua ao mostrar que a moda de vestuário da época disfarçava o sexo do personagem. Já, em termos de comportamento, várias passagens indicam que Orlando inicialmente age dentro do padrão esperado para um homem, ou seja, dentro de uma matriz heterossexual, para usar o termo de Butler, considerada a norma (teóricos recentes como a própria Butler mostram tal matriz como culturalmente obrigatória, mas não a única possibilidade de legibilidade do sujeito). A "correspondência" (culturalmente concebida como tal) entre gênero, anatomia e comportamento do personagem é notada no fato que Orlando-homem, em sua juventude, envolve-se com diferentes mulheres e tem seu nome relacionado aos delas em relação a casamento. Assim, pelo menos no início do romance, Orlando confirma construções e expectativas culturais de gênero e de heterossexualidade, ou seja, confirma a suposta "norma".

Com o desenvolvimento da narrativa, no entanto, Orlando-homem comporta-se e apresenta sentimentos que confrontam a matriz heterossexual, especificamente no que diz respeito à atração sexual. Orlando vê uma figura usando uma túnica larga que confunde a visualização do corpo e identificação do sexo, e sente-se extremamente curioso e atraído, *independente* de se tratar de um homem ou uma mulher. Sem saber o sexo dessa figura, Orlando sente uma "sedução extraordinária" vinda daquela pessoa (conforme citado na página 26 da edição usada nesse estudo). Ao mesmo tempo, porém, Orlando sente estranhamento caso a pessoa seja um homem, pois nesse caso Orlando vê que seu desejo homossexual aqui implicado deveria ser reprimido devido à sua presença em uma sociedade como a elisabetana, firmemente conservadora. Ao perceber que a figura se trata na verdade de uma mulher, no entanto, o fato de Orlando ser noivo não o impede de agir, sentindo que se tratando de uma pessoa do sexo oposto a aproximação lhe é "possível". Assim, o personagem reforça a matriz heterossexual novamente, inclusive pelo fato de reprimir o suposto desejo homossexual.

Quando Orlando passa pela transformação da genitália, o personagem mostra variações em suas atitudes enquanto homem e mulher. Após pensar criticamente sobre essa transformação, Orlando percebe que suas opiniões sobre gêneros quando ele era homem não correspondem às suas opiniões após tornar-se mulher. Antes, Orlando-homem achava que mulheres deveriam ser obedientes, castas e enfeitadas, enquanto Orlando-mulher percebe a partir de sua própria nova condição que, na verdade, mulheres não são necessariamente e essencialmente assim. Dessa forma, Orlando desenvolve consciência crítica quanto às convenções e construções históricas de gêneros ditadas pela sociedade. Em outras palavras, é apenas com a mudança de sexo que Orlando percebe a arbitrariedade no que diz respeito às perspectivas e posições de sujeitos nos seus gêneros.

A narrativa mostra como Orlando tenta adaptar-se à sua nova condição e, simultaneamente, desenvolve a consciência crítica mencionada. Nisso, percebe-se que Orlando critica as limitações de ser uma mulher, especificamente na nobreza da sociedade elisabetana. Orlando reclama de ter que passar as manhãs inteiras entretendo um duque que poderia propor-lhe casamento mais tarde. Nota-se, então, a decepção de Orlando com a redução cultural de mulheres a papéis fúteis como receber corte.

Nesse ponto ocorre um caso de intersecção entre gênero e classe. Como Orlando é agora mulher e participa de uma classe privilegiada na nobreza da Inglaterra, existem limitações impostas a ela devido aos papéis atribuídos às mulheres nobres. Portanto, Orlando enquanto mulher é de certa forma reduzida em sua classe não em função de sua habilidade ou inteligência para assumir outros papéis, mas simples e unicamente devido ao seu gênero, que lhe permite apenas papéis fúteis como o de receber corte. Em resumo, a intersecção entre gênero e classe novamente diminui um grupo de pessoas dentro de uma camada de identidade (mulheres) em outra camada da identidade (classe). Dessa forma vemos, novamente, como diferentes níveis de identidade relacionam-se uns com os outros em formas que podem ser prejudiciais, conforme exposto por Crenshaw.

Deve-se observar que, apesar dos preconceitos em sua classe devido ao seu gênero, Orlando tenta adaptar-se à sua posição de *mulher nobre*, mas seu comportamento e consciência crítica desenvolvida tornam essa caracterização ambígua. Essa ambiguidade indica que a caracterização de Orlando é fluida, ou seja, ocorrem simultaneamente a tentativa de adaptação e também a resistência à fixação de papéis. Pode-se perceber essa fluidez em um relato na página 133 da edição usada nesse estudo, no qual o narrador pergunta, como Orlando nunca precisa de mais de dez minutos para vestir-se, se Orlando é uma mulher, ao mesmo tempo em que Orlando é muito emotiva e não suporta ver um animal machucado. Esse relato ainda mostra que Orlando detesta assuntos domésticos, gosta de jogos e bebida, mas não se interessa pelo poder como outros homens.

Tal caracterização é ambígua precisamente por *desafiar as expectativas culturais* de seu gênero. Em outras palavras, esse relato demonstra que o comportamento de Orlando enquanto mulher *problematiza concepções legíveis* dessa condição de gênero, desenvolvendo uma nova identidade, não limitada às imposições culturais que concebem homens como ativos e do âmbito público e mulheres como passivas e do

âmbito doméstico. O relato mostrado acima subverte essa concepção e introduz novas formas de ser mulher, que até essa apresentação não eram legíveis. Assim, a análise textual aqui feita mostra como o romance de Woolf propõe desafiar e transgredir noções fixas de articulações de gênero, e concebe identidades como significantes mutáveis. Por último, vale lembrar que é exatamente a intersecção entre gênero e classe descrita anteriormente que viabiliza a consciência crítica dos papéis atribuídos às mulheres, e faz Orlando despertar para o desenvolvimento de novas formas de ser mulher.

Considerações Finais

Com base nas observações feitas sobre a caracterização de Orlando nas intersecções entre nação, classe e gênero, gostaria de finalizar comentando sobre a importância de *criticar* o fato de Orlando, ao experimentar realidades diferentes, nunca perder seus privilégios de retornar para uma dada classe e nação. Essa posição deve ser criticada por perpetuar hierarquias opressivas entre diferentes classes, e por não fazer Orlando *engajar-se politicamente* contra a violência decorrente de tais opressões. Assim, Orlando deve ser criticado por manter-se alienado quanto à nação e classe, apesar de viver experiências que poderiam lhe amadurecer politicamente. Ao mesmo tempo, clamo que seja necessário *celebrar* o fato de Orlando despertar para questões opressivas no que diz respeito à certas construções culturais de gênero. Como mostrado, Orlando experimenta uma mudança de perspectiva em relação a homens e mulheres, *questionando e criticando* papéis e imposições artificiais e limitantes, e isso leva Orlando a propor novas formas de legibilidade de gênero. Tal proposta é precisamente o que deve ser celebrado na obra, ao mostrar o engajamento do personagem com a construção de uma nova tradição na qual, características e atributos de homens e mulheres não seriam impostos culturalmente, e as especificidades e a fluidez da identidade e trajetória de cada sujeito seria levada em conta.

Concluindo, portanto, é crucial observar que *Orlando: Uma Biografia* é um texto *transgressivo* ao problematizar gênero e desafiar construtos culturais referentes a essa camada de identidade, e, simultaneamente, é um texto *normatizante* e *essencialista*, ao perpetuar privilégios de classe e nação. Por último, dentro de uma perspectiva pós-colonial e, pensando-se em termos de políticas emancipatórias, um texto como este de Virginia Woolf é útil ao mostrar como identidades fluem, não sendo necessariamente fixas e essencialmente pré-determinadas, e ao mostrar também como trajetórias de sujeitos podem tanto aceitar quanto transgredir a norma. Fica assim uma lição para o leitor do romance de Woolf, e o voto que a obra lhe inspire uma postura de questionar, problematizar, e transgredir, inventando-se a si mesmo.

Referências Bibliográficas:

BRENNAN, Timothy. The National Longing for Form. In: BHABHA, Homi K. (ed). *Nation and Narration*. London: Routledge, 1990. cap. 4, p. 44-70.

BUTLER, Judith. *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. London: Routledge, 1990. 192p.

CRENSHAW, Kimberlé. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color. In: FINEMAN, Martha; MYKITIUK, Roxanne (eds). *The Public Nature of Private Violence: The Discovery of Domestic Abuse*. New York: Routledge, 1994. cap. 1, p. 93-118.

EYRE, A. G. *An Outline History of England*. London: Longman Group Ltd, 1971. 173p.

LIU, Lydia. The Female Body and Nationalist Discourse: The Field of Life and Death Revisited. In: GREWAL, Inderpal; KAPLAN, Caren (eds). *Scattered Hegemonies: Postmodernity and Transnational Feminist Practices*. Minneapolis and London: University of Minnesota Press, 1994. cap. 2, p. 37-62.

SINFIELD, Alan. *The Wilde Century: Effeminacy, Oscar Wilde and the Queer Moment*. New York: Cassell, 1994. 216p.

SOLLORS, Werner. Ethnicity. In: LENTRICCHIA, Frank; McLAUGHLIN, Thomas (eds). *Critical Terms for Literary Study*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1990. cap. 21, p. 288-305.

WOOLF, Virginia. *Orlando: A Biography*. London: Penguin Books. 1993 [1928]. 336p.

Recebido em 3/11/2008; aprovado em 8/09/2009.